



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

AS DIFERENTES IDENTIDADES ASSUMIDAS PELO ESPORTE

Felipe Macedo de Andrade

Universidade Federal do Rio de Janeiro

felipema8@gmail.com

INTRODUÇÃO

O esporte tem se tornado um dos temas de maior atenção e relevância no cenário nacional e mundial nas últimas décadas. A sua representação social tem aumentado de forma gigantesca, participando cada vez mais ativamente do dia a dia dos indivíduos, seja como praticantes de determinada atividade esportiva, ou como meros expectadores de um esporte.

No Brasil essa representação parece ter tomado proporções inimagináveis, fruto dos grandes eventos que ocorrerão nos próximos anos em território nacional, como a Copa América de Futebol, Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos, além dos eventos-base como preparação para esses megaeventos. Com isso, a esfera governamental com auxílio do setor privado tem destinado diversos recursos que têm sido empregados em distintos campos, como projetos sociais, pesquisas científicas, infraestrutura esportiva, projetos esportivos dentro das escolas, etc., todos com objetivos na formação de atletas que possam vir a representar o país nesses próximos megaeventos.

Entretanto, parece que apenas o esporte de alto rendimento, ou esporte-espetáculo tem sido foco das políticas públicas destinadas para o setor, implicando em um processo de negligência com os outros subgrupos do esporte. Assim, devemos pensar o esporte na contemporaneidade reconhecendo a sua diversidade de dimensões assumidas no meio social, o que de certa forma requer certo esforço no sentido de classificá-lo quanto ao papel exercido em determinado ambiente. Diversas pesquisas têm avançado muito na tentativa de classificação do esporte, mas que por vezes acabam



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por reduzi-lo a pequenas definições. No entanto, temos que entendê-las como um avanço cada vez maior, no sentido de demonstração da sua diversidade e pluralidade. Concordando com Elias (1992) quando expõe que caracterizar o processo civilizador da sociedade é de certa forma complexo, devida a falta de palavras existentes na língua que se encaixariam perfeitamente em determinada definição. Assim, esse processo pode ocasionar uma redução de um termo plural que não encontra significado comum no mundo das palavras. Acreditamos que o mesmo acontece quando se tenta de certa criar meios que possam definir o esporte garantindo sua imensa e vasta pluralidade.

Uma das principais definições realizadas em âmbito nacional foi a de Tubino (1992), que caracterizou o esporte em três subgrupos, a saber: 1- “esporte-educação”, nesse grupo o esporte estaria direcionando a sua utilização em consonância com uma aplicação pedagógica, desvinculado do alto rendimento, e realizado em contexto escolar. 2- “esporte-participação”, assemelha-se com o lazer e como bem-estar na medida em que é praticado por indivíduos em seus tempos livres. 3- “esporte-performance”, intimamente ligado ao esporte de alto rendimento, através de treinamento periódico, tendo como premissa a vitória e o êxito sobre seus adversários, com regras estabelecidas e bem definidas. Essas proposições feitas por Tubino tiveram objetivo de reconceituar o esporte do século XX, na medida em que o esporte de alto rendimento já não podia mais responder pelas diversas outras dimensões que co-existiam, e que precisavam ser contempladas com definições que demonstrassem as reais diferenças entre elas. Essa classificação teve grande aceitação no mundo esportivo e no meio acadêmico da educação física, pois primeiramente foi preenchida uma lacuna quando se tratava de classificar o esporte. Acreditamos que as proposições feitas por Tubino foram e são importantes na medida em que apresentaram que a totalidade do esporte não é definida por apenas uma categoria (alto rendimento), mas que existem subgrupos com identidades próprias. No entanto, acreditamos também que a diversidade e pluralidade do esporte são maiores do que as definições realizadas pelo autor.

Neste sentido, concordamos com as considerações feitas por Padiglione (1995) no artigo “Diversidade e Pluralidade no Cenário Esportivo”. Neste texto o autor debate a lógica dos esportes ecológicos, esportes “extremos” e esportes californianos como categorias emergentes, demonstrando a realidade do cenário esportivo, que se encontra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

cada vez mais heterogênea. A partir desta afirmação, faz uma crítica aos autores que tentam classificar o fenômeno esportivo baseando-se em critérios rígidos e homogêneos. Assim, expõe que essa modalidade homogeneizante, vista de uma perspectiva antropológica é oriunda dos esportes ocidentais, responsáveis por uma rigidez definidora, culminando em uma situação que não os permitia serem comparados com os jogos populares e outras competições tradicionais.

O autor conclui o trabalho demonstrando que há alguns anos o esporte era definido considerando o tripé, jogo, competição e habilidade física, sem que fosse excluído qualquer um dos componentes. Mas que esse cenário começou a ser transformado, não sendo necessário legitimar um esporte a partir do conjunto dessas três características, podendo os esportes obter apenas uma delas. Segundo o mesmo autor, esta desconstrução é um ato reflexo que ao mesmo tempo estimula a crescente heterogeneidade do fenômeno esportivo.

Principalmente com base nestes dois últimos autores apresentados, que demonstraram claramente em seus textos a evidente diversidade do esporte, nós podemos tirar algumas conclusões. Se o cenário esportivo é bastante diversificado é porque ele não é uma instituição homogênea, ou seja, consegue se adequar de acordo com as situações que lhe são impostas cotidianamente. Assim, esse papel assumido, ora de adequação, ora de desconstrução, como no caso de alguns esportes originários de um determinado povo que migrem para outros locais, podem ter suas regras e formas de praticar manipuladas e transformadas pelo povo que ‘recebeu’ determinada atividade, entretanto, esse processo de mutação é baseado nas características do esporte original. Assim, os esportes podem assumir também um papel pouco mutável nessa transição de locais, e essa característica pode acontecer dada a satisfação incondicional dos praticantes a determinado esporte pré-estabelecido.

Com relação a essa transição das formas institucionalizadas das modalidades esportivas, Padiglione (1995, p.32) afirma que um esporte se bem estruturado por regras, valores e cenários simbólicos, pode sempre ser manipulado de forma lúdica e consciente por parte de grupos sociais e realidades locais.

Tomando principalmente como base a citação acima realizada pelo autor, que demonstra características importantes do esporte institucionalizado e, além disso,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

características que esse mesmo esporte permite, após a sua apropriação, o presente estudo tem por objetivo a produção de uma análise acerca das características que o esporte institucionalizado utiliza para obter uma penetração eficiente nos diferentes ambientes, em especial a escola, em que o mesmo se insere.

A HISTÓRIA DO ESPORTE VISTA DA ÓTICA DA RUPTURA

Inserimos este capítulo no texto porque consideramos importante abordar algumas questões fundamentais para o desenvolvimento do esporte.

A história do esporte pode ser analisada sobre duas óticas que se opõem consideravelmente em sua essência, denominadas como: a tese da continuidade e a tese da ruptura. Abordaremos a seguir as principais características de cada tese, com objetivo de apresentar as diferenças existentes entre os dois pontos de vista.

A tese da continuidade considera que o esporte que analisamos contemporaneamente é o esporte moderno. Os autores que defendem esta concepção fizeram comparações dos esportes praticados em diferentes contextos históricos (esporte primitivo, esporte grego, esporte romano, esporte medieval e esporte moderno) colocando-os em um mesmo patamar de análise. O objetivo desses autores não visou encontrar diferenças entre os diferentes períodos dos esportes, mas sim semelhanças. Assim, o esporte teria passado por um processo de desenvolvimento contínuo, incorporando para si, tanto características próprias, regras ou formas de praticar, como características sociais, políticas e econômicas, até chegar a sua forma contemporânea, o esporte moderno.

A tese da ruptura do esporte que apresentaremos, tem como principais autores Norbert Elias e Eric Dunning. Tendo como pressuposto o debate do processo civilizacional, os autores atrelaram a esse segmento o processo histórico do esporte. Esses autores acreditam que o esporte moderno teve sua origem na Inglaterra, em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

meados do século XIX e XX, denominado “processo de esportivização” dos passatempos populares. Esse processo de esportivização esteve totalmente associado a um desenvolvimento civilizatório da sociedade inglesa, que por sua vez facilitou a transformação dos passatempos em esportes.

Os passatempos que praticados pela sociedade inglesa como forma de lazer ou bem estar, tinham como modalidade principal a falta de regulamentação, ou seja, não existiam regras fixas regulamentadas por uma instituição superior externa que pudesse arbitrá-la. Adicionando-se a isso, outra característica era a inexistência de regras escritas, que eram passadas de geração a geração pela linguagem falada. Além disso, esses passatempos estavam atrelados a costumes locais e datas comemorativas, tornando os jogos bastante diversificados na sua forma de jogar. Essa característica torna-se interessante na medida em que esses passatempos conseguiam garantir suas singularidades culturais, caracterizadas tanto na forma como eram praticadas, como na instauração de regras convenientes a determinada localidade. Outra característica bastante comum nesses passatempos eram os atos de violência física dos jogadores uns sobre os outros. Os autores apontam que constantemente os jogadores saíam das partidas com seus narizes quebrados e ensanguentados, além de outras partes de seus corpos contendo fraturas. Essa violência física presente nos jogos não era considerada pelos autores como um desvio de conduta, porque para os participantes, esses passatempos eram a forma favorita de se divertirem, mesmo que saíssem machucados.

Essa violência não acontecia somente nos jogos, mas em diversas situações do cotidiano. Anteriormente à parlamentarização do estado inglês, as diferentes classes sociais travavam guerras entre si, na maioria das vezes quando os problemas existentes interferiam diretamente nos seus negócios. E esses grupos rivais burgueses se enfrentavam com objetivo de dominação alheia, na qual poderiam então, impor suas vontades que seriam acatadas pelo outro grupo. É importante ressaltar que o comando das decisões do estado inglês estava sob domínio da alta burguesia, não tendo o proletariado participação nas decisões que envolvessem assuntos globais.

Com a parlamentarização do estado inglês, que demonstrou um forte processo civilizacional em relação a outras sociedades, a população começou a adquirir um sentimento de aversão à violência. Além disso, os grupos burgueses que se enfrentavam



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

anteriormente tiveram que se respeitar mutuamente, por mais que se odiassem, pois neste momento, todas as classes sociais poderiam ter participação ativa nos interesses políticos da Inglaterra. Assim, a violência física teve que ser deixada de lado, dando lugar à violência simbólica entre os grupos. Elias (1992) aponta que quando um grupo estava no poder, fato esse que poderia levar a destruição de outro que no momento encontra-se inferiorizado politicamente, eles pouco repreendiam a outra classe, porque sabiam que outro grupo em determinado momento poderia assumir o poder político, e agirem vingativamente.

Assim, com a parlamentarização do estado inglês e a sensibilidade social em relação à violência, os passatempos tiveram que ser revistos, no objetivo de diminuição da violência física, que no atual momento passaria a ser controlada não só pelo estado, mas também de forma autocoercitiva, ou seja, a sociedade passava a controlar suas próprias emoções. Esse cenário exigiu que os passatempos tivessem regras mais rígidas em bem regulamentadas, culminando na transformação desses passatempos em esportes. Então, os diferentes grupos que possuíam suas regras locais de acordo com seus objetivos, foram aos poucos as transformando e padronizando-as.

O governo inglês teve papel fundamental para a criação de um terreno propício que oportunizasse o desenvolvimento do esporte. Esse papel foi a liberdade concedida para a livre iniciativa da população quanto à criação de associações, que posteriormente deram lugar aos clubes. Assim, a criação dos clubes teve papel importante na medida em que possibilitou o aparecimento de campeonatos de diversos tipos, tanto regionais como nacionais, e esse processo de criação do esporte ocorrido na Inglaterra foi exportado para o mundo todo, e é hoje conhecido como esporte moderno.

Essa exportação do esporte para o mundo já institucionalizado por regras demonstra um processo de globalização, que neste caso assume uma modalidade conhecida como localismo globalizado. Essa modalidade é caracterizada por determinadas práticas e modos originários de uma localidade específica, que então são difundidas para outras partes do mundo e realizadas de forma bastante semelhante.

A TRANSFORMAÇÃO DO ESPORTE NA ESCOLA



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O objetivo nesta parte do texto é realizar alguns apontamentos sobre como o esporte visto da ótica institucionalizada se transforma para obter uma penetração eficiente em determinados ambientes. Voltaremos nossa análise para as estruturas que o esporte oferece e absorve quando é inserido na escola. Nesta discussão, quando debatermos o esporte, procuraremos não associar o mesmo a qualquer didática específica da educação física, ou mesmo a qualquer autor que discorra sobre a maneira como o esporte deve ser empregado nas aulas de educação física para que tenha um caráter pedagógico. Entendemos assim, a existência de inúmeras tendências que auxiliam na prática pedagógica da educação física.

Se pensarmos as aulas de educação física em âmbito escolar, pensamos também o esporte, não só como componente curricular, mas como ferramenta pedagógica para o ensino. Assim, dificilmente encontraremos professores que não o inserem nas aulas por serem contra a sua utilização. Isso de certa forma, já demonstra como o esporte foi ‘vitorioso’, quando inserido no meio escolar.

Observando o esporte dentro da escola, podemos notar que ele não é somente utilizado nas aulas, mas também nos tempos livres dos alunos, como por exemplo, os intervalos entre as aulas.

Se fizermos uma análise das aulas de educação física em diferentes escolas, de diferentes bairros e regiões, iremos perceber que o esporte não é utilizado de maneira padronizada pelos professores e alunos, assim, em uma determinada escola o esporte pode assumir caráter idêntico ao esporte institucionalizado visto na mídia, mas também pode ser reconstruído de tal maneira, que somente algumas características sejam as mesmas do esporte institucionalizado. A partir disso, acredito que o esporte só continua intitulado como esporte propriamente dito, mesmo que ele passe por um processo de desconstrução, transformando-o novamente em jogo, devido à referência feita no início deste texto, que demonstra que o esporte se bem estruturado por regras, valores e cenários simbólicos, pode sempre ser manipulado de forma lúdica e consciente por parte de grupos sociais e realidades locais (PADIGLIONE, 1995). Esta análise torna-se interessante se pensarmos que o esporte, em âmbito escolar, poderia de certa forma estar tomando um caminho retrógrado, ou seja, um caminho de volta às suas origens, na



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

medida em que essa ‘recriação’ do esporte retoma características muito semelhantes as dos esportes praticados na Inglaterra nos séculos XIX e XX, como a não padronização das regras e a diversidade de práticas de um local para outro, não guardando como semelhança a violência que existia. Pode ser também que este caminho tomado pelo esporte citado anteriormente não seja retrógrado, mas sim um processo evolutivo por qual o mesmo passa quando se insere em determinados locais que não o da utilização do esporte institucionalizado. Mesmo que esses dois caminhos estejam corretos, eles podem estar apontando para uma tentativa de quebra ou ruptura, por parte da comunidade escolar em relação ao esporte institucionalizado, que contém determinantes padronizadas, como a utilização de uniformes, regras fixas, e mediação de um árbitro. Assim, essa não aceitação pode ser empregada no intuito de manipulação e utilização do esporte, com objetivo de atender aos anseios de professores, alunos e escola, tornando-o com caráter pedagógico.

No entanto, mesmo que essa ruptura desconstrua as bases estruturais do esporte institucionalizado, porque ele continua sendo chamado e comparado ao esporte? Acredito que em parte, isso se deve em parte pelas características anteriormente apresentadas por Padiglione (1995), que foram estabelecidas pelo esporte, culminando em uma identidade forte o bastante, a ponto de abarcar a diversidade criada a partir de si mesmo. No entanto, acredito também que as diversidades criadas a partir da sua forma institucionalizada também possuem identidades próprias, mas que de certa forma, não são tão fortemente estabelecidas a ponto de garantirem sua autonomia, transformando-os em subgrupos da identidade do esporte institucionalizado.

Entrar nessa análise acerca das identidades estabelecidas pelo esporte pode gerar algumas questões, principalmente em relação a como se deu a transformação deste em seus subgrupos.

O esporte institucionalizado composto por regras padronizadas visto na mídia tem uma enorme aceitação da sociedade, e isso acaba gerando uma utilização desse esporte por parte dessa mesma sociedade. Essa utilização pode ser feita através do esporte como meio lazer e bem estar social. Entretanto, ela pode ou não fazer uso dessa prática social de maneira similar à que acompanha nos meios de comunicação. Assim, esse cenário heterogêneo estabelecido, já havia sido constatado na pesquisa realizada



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por Stigger (2005). Esse autor, entendendo a heterogeneidade do esporte, investigou três grupos que praticavam o futebol e o voleibol por meio de lazer. Através da observação de tais práticas realizadas, ele constatou que existiam diferenças significativas na maneira como os indivíduos a manipulavam. Ele percebeu que em um dos três grupos existia uma enorme formalidade quanto à prática do futebol, com regras bastante similares à do futebol profissional. Já outro grupo, fez a sua utilização com regras muito flexíveis, diferentes quase todo final de semana, e de acordo com o número de participantes. Assim, através da citação dessa pesquisa, fica clara a enorme heterogeneidade existente dentro do esporte, e até mesmo dentro de um subgrupo, o que poderia confirmar uma ramificação ainda maior.

Acredito que em relação à heterogeneidade e à identidade, o esporte possui modalidades bastante interessantes. Recorrendo a sociologia de Bauman (2000), que demonstra que o ser humano, através de uma imposição tanto da sociedade, do mercado de trabalho, e da atual conformação do Estado em que vivemos, busca uma diversidade na própria identidade, chamada pelo autor de 'identidade transitória'. Bauman (2000) expõe que essa transição na identidade se deve às diferentes imposições expostas cotidianamente aos indivíduos, principalmente relacionadas ao mercado de trabalho, que constatado pelo autor, necessita cada vez menos de mão-de-obra mundial¹. Assim, esse cenário propõe ao trabalhador uma postura condizente com esta atual estrutura mercadológica, na qual se torna conveniente a adoção da identidade transitória, ou seja, uma identidade que dialogue com diferentes grupos e estruturas sociais, visto que, na busca por um emprego ou na tentativa de se manter no mesmo, o trabalhador que possui uma postura intransigente tem poucas chances perto do trabalhador que se relaciona com diferentes grupos.

A partir do exposto, podemos fazer um paralelo interessante das características discutidas acima com o fenômeno esportivo. Assim, o esporte para se tornar objeto de uso em diferentes ambientes, teve que adotar uma identidade transitória, similar a do indivíduo citado anteriormente, assumindo diferentes papéis de acordo com as determinações do público, pois sem ela, o esporte perderia seu importante poder de desconstrução e de manipulação, de forma que tal perda poderia ter sido determinante

¹ Ver discussão detalhada em Bauman (2000).



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

na eficiência e popularização desse fenômeno nos diferentes ambientes. Entretanto, acredito que a identidade transitória não é somente sua única característica. Atrelada a ela nesta busca por eficiência, estão as ‘tensões’ geradas pelas atividades.

Como nos esportes os praticantes estão em constante processo de movimentação, e estimulação das emoções, são geradas tensões controladas e bem equilibradas, que podem contribuir para libertar tensões provenientes do *stress*. (ELIAS, 1992). Esses mesmos autores afirmam que essas tensões são agradáveis, na medida em que conduzem a uma excitação crescente e a sentimentos de êxtase, na qual podem servir também como renovação emocional por meio do equilíbrio entre os esforços e as pressões geradas, em especial, pelo cotidiano.

Com a utilização da prática dos esportes na escola, essas tensões podem assumir um papel determinante, visto que, as próprias aulas de educação física podem funcionar como uma via de mão dupla, pois elas gerariam as tensões a partir do caráter político que esperamos que ela assuma, e ao mesmo tempo com a utilização do esporte, libertaria essas tensões, a partir da geração de tensões agradáveis, através de processo catártico.

CONSIDERAÇÕES

Tentamos durante a realização deste trabalho, demonstrar a enorme diversidade existente no contexto esportivo, e a dificuldade de encontrar um termo comum que pudesse abrangê-lo na sua totalidade, sem desprezar quaisquer de suas significações. Neste sentido, procuramos também relatar de forma resumida, como se deu o processo de criação do esporte na visão contemporânea, apontando características que foram determinantes para o seu surgimento.

Com relação às características que reconhecemos serem do esporte, objetivamos que a busca do mesmo por uma identidade transitória, complementada pela geração de tensões, foi determinante para que o esporte obtivesse grande aceitação nos diferentes meios sociais, em especial a escola. Assim, entendemos também a existência de uma variedade de outras características, que neste processo ‘vitorioso’ do esporte em relação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

aos diversos ambientes, contribuíram de maneira tão eficaz e determinante, e não sendo menos importantes que as descritas anteriormente. E essas características não discutidas neste estudo, podem ter diferentes origens, interiores ou não ao esporte.

Retomando um pouco do debate sobre a diversidade no esporte, acredito que o tema necessita emergência, principalmente se o relacionarmos com os grandes eventos que ocorrerão nos próximos anos em território nacional. Apresento isso, porque acredito que em função destes eventos, a diversidade esportiva pode perder espaço. Com a necessidade de formação de talentos que possam representar o país nestes eventos, o importante poder de desconstrução do esporte pode dar lugar a sua forma extremamente institucionalizada, padronizando a prática esportiva, em ambientes em que não seriam necessárias estas características, facilitando dessa forma, a observação de futuros atletas. Essa uniformização atingirá tanto a identidade transitória do esporte, como as tensões geradas por ele. Porque se o mesmo não precisará mais se adequar aos diferentes meios, não precisará também da co-existência de distintas identidades. Já com relação às tensões, Elias (1992), argumentam que sob a égide dos Jogos Olímpicos, as tensões são dominadas e padronizadas por tensões globais e rivalidades entre Estados, sob a forma de um acontecimento desportivo. Assim, devemos continuar atentos às mudanças estruturais impostas ao esporte que poderão ocorrer nos próximos anos, acompanhando o andamento deste processo, criando assim, espaço permanente para debate.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt.; Em Busca da Política. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

ELIAS, Norbert. A Busca da Excitação. Lisboa: Difel, 1992.

PADIGLIONE, Vincenzo. Diversidad y Pluralidad en el Escenário Deportivo. Apunts: Educación Física y Deportes, Barcelona, INEF de Catalunya, n.41, pp. 30-35.

STIGGER, Marco Paulo. Educação Física, Esporte e Diversidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

TUBINO, Manuel José Gomes. Dimensões Sociais do Esporte. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1992.